

# JOSÉ LOUZEIRO

**Entrevistador:** Caio Barretto Briso

**Data da entrevista:** 08/09/2008

## **Qual o seu nome completo, data e local de nascimento?**

Meu nome completo é José de Jesus Louzeiro. A data de nascimento é 19 de setembro de 1932. Eu nasci em São Luís do Maranhão.

## **Quais eram os nomes e as atividades de seus pais?**

Meu pai, a atividade principal dele era pedreiro, mas ele era pastor protestante, presbiteriano. E era um bom pedreiro - e eu cheguei a ser ajudante dele - e um pastor que levava a sério sua doutrina, então, por isso desde pequeno eu fui acostumado a ler a Bíblia, era o único livro que tinha lá em casa. E eu lia em voz alta porque ele era semi-analfabeto. A minha mãe era só doméstica, mas era muito bela, era filha de um juiz, de um tabelião, de um lugar chamado Pinheiro lá, de um município. A minha avó era Dorotéia, uma belíssima pessoa e meu tio Bernardo, que era louco. Tinha um avô muito bom, que era barqueiro, chamado Severo. Então, a minha família era muito pobre, embora esse avô fosse dono de um barco, mas isso não significava nada. Vivíamos à custa do trabalho de meu pai e de umas casinhas que ele conseguiu fazer para alugar. Essa era a nossa vida, muito pobre. E eu entrei pro jornalismo por acaso, por indicação de um professor chamado Luís Rego. Eu era do colégio dele, era um péssimo aluno e um dia eu fiz uma dissertação. Havia aquela aula de português, com aquelas imagens grandes e a professora, então, pedia que você fizesse uma dissertação daquilo que você estava vendo. E eu, então, fiz e eu era um aluno razoável nessa única matéria, no resto eu era péssimo. E um belo dia, como eu vivia sempre na secretaria levado para receber reprimendas, eu fiz essa dissertação, entreguei para a professora - eu fiz com uma letrinha de forma, eu sempre gostei de escrever em papel estreito, então, eu fiz como se fosse com uma letrinha de forma e tal - e dois dias depois eu fui chamado na secretaria por Luís Rego. Ele era uma belíssima pessoa, tinha paciência com a gente e ele me chamava de "Seu Cabrito", porque eu vivia dando pulos e tal e ele me deu um envelope para ir numa academia de letras, entregar lá para um

amigo dele. Era um envelope lacrado e tal. E eu levei, entreguei para um poeta chamado Corrêa da Silva, que abriu e quando ele abriu o envelope eu vi que estava dentro a minha famosa composição. E eu até fiquei achando graça, porque o quê que aquele estava achando naquilo porque eu não achava nada, nem estava interessado, eu estava interessado nas pipas, era um grande empinador de pipas, lá chama-se papagaio. E aí o poeta na mesma hora ligou para um amigo dele de um jornal, que eu não sabia qual era, e mandou procurar o Emanuel do jornal *O Imparcial*. Aí eu fui lá e isso tudo é coisa que se fez num dia só; eu fui entregar a carta umas duas horas da tarde, às cinco da tarde eu estava nesse jornal entregando um outro bilhete do Corrêa da Silva, se bem que ele já tinha telefonado, e o Emanuel então chamou o seu Carneiro, um cara enorme, sem camisa, todo cheio de graxa que apareceu e o Emanuel disse: "Olha, leve esse rapaz que ele vai ser ajudante de revisor". Mas aí eu dei uma desculpa, mas ele disse "Não, vai começar agora!". Aí fui ser aprendiz de revisor. Depois, eu comecei a gostar muito, porque eu comecei a ler uma série de coisas que eu não leria nunca. E mais adiante o jornal tinha um suplemento literário, e como ninguém gostava de ler aquelas matérias dos escritores, dos poetas, e eu na medida em que eu fui melhorando a minha compreensão do que era um revisor, eu passei a ler essas matérias desses jornais. Havia lá poetas que depois se tornariam famosos, como o Ferreira Gullar e o José Sarney. O Sarney era um poeta ativo que dirigia *A Pátria*. E daí vem o meu relacionamento com a literatura, mas eu não tinha nenhuma pretensão de coisa nenhuma, apenas, eu gostava de ler aquelas matérias; principalmente os poemas. Assim foi que eu comecei a minha vida no jornalismo. Depois eu deixei de ser revisor, ou aprendiz de revisor, e fiz amizade com um repórter chamado Moacir Barros, que era de um outro jornal no mesmo edifício, *O Globo*. E eu me interessei pelo o que ele fazia, que era reportagem de polícia, e comecei nas folgas a sair com ele pra rua, para ver como era aquilo, ir nas delegacias, ver preso no xadrez... Eu tomei muito gosto por isso e fui virando repórter de polícia. Depois, eu saíria d'*O Imparcial* e d'*O Globo* e fui para um jornal chamado *O Combate*. Quer dizer, a fuxicada política em São Luis era muito grande e fiquei n'*O Combate* ganhando um pouco mais e até me atrevi a fazer lá uma coluna. Eu era repórter de polícia também nesse jornal, e um belo dia a direção do jornal descobre um crime horroroso praticado por capangas do Vitorino Freire, um político maranhense, que aliás era pernambucano, e esse político era um cafajeste e tinha uma turma que espancava as pessoas que fossem inimigos dele, eram os jagunços. Então, havia uma vítima deles na cidade de Rosário e me mandaram para lá, ficava a umas três horas de viagem de trem, e eu fiz a matéria. Encontrei realmente o cara todo arrebetado, as costas cortadas de chicote, entre a vida e a

morte. Fiz a matéria e foi publicada. E foi desmentida porque o cara não tinha sido vítima dos capangas do Vitorino Freire, o cara era um assaltante que a polícia de Teresina espancou e ele fugiu para Rosário, nesse município lá do Maranhão. Então, a direção do jornal depois tomou lá as providências que quis, mas aí eu entrei para a relação de nomes que deveriam desaparecer, segundo os capangas do Vitorino Freire. Eu era – parece – que o quarto ou quinto, e quando chegou no terceiro que deram baixa, aí o jornal me arranhou dinheiro para vir pro Rio de Janeiro, fugir de lá. E foi assim que eu vim pro Rio. Cheguei aqui o jornal *O Imparcial* e *O Globo* eram da cadeia dos Associados, do Assis Chateaubriand. Então, fui tentar trabalhar no *O Jornal*, mas eu não conhecia a cidade, eu não distinguia o que era a Avenida Rio Branco e a Rua Uruguaiana, era uma complicação muito grande e você não pode ser repórter se não conhece a cidade, então, eu fiquei fazendo estágio no jornal *A Noite* até conhecer a cidade. E eu fiz umas cartinhas para algumas empresas que queriam empregados e uma delas vendia máquinas gráficas. Trabalhando nessa firma havia um vendedor de máquinas gráficas, máquinas recondiçionadas, chamado seu Osmar e esse seu Osmar foi quem me indicou para que eu trabalhasse no departamento de propaganda da *Revista da Semana*, que ficava na Lapa, ali pertinho da Sala Cecília Meirelles. E foi assim que eu comecei a minha atividade no Rio de Janeiro, graças a esse vendedor Osmar, uma belíssima pessoa, e o diretor do departamento Costa Junior, que ficou muito amigo meu. Eu fiquei lá fazendo os textinhos de anúncio, na década de 1950 ainda não existia agência de publicidade no Brasil, estavam começando a implantar. Então, toda a publicação tinha o seu departamento de publicidade com seus corretores e tinha alguém para fazer os textinhos do Elixir Paregórico, do Leite de Rosas... para fazer um textinho ali para enganar o comprador. De maneira que eu comecei por aí. Depois de um ano e pouco nessa atividade eu saí e fui tentar a *Luta Democrática* do Tenório Cavalcanti, mas também trabalhei n' *O Dia*. Nesse tempo *O Dia* ficava perto da Praça Mauá. E assim foi a minha trajetória, depois fui passando para outros jornais.

**Um pouco ainda sobre o seu início na imprensa do Rio de Janeiro: como foi o seu aprendizado na redação de *O Jornal*? Você teve algum mestre?**

Não, eu considero o Moacir de Barros, no Maranhão, o meu mestre, ele era um bom repórter. Ele tinha uma habilidade nas perguntas muito boa, o repórter tem que saber perguntar e olhar. E aí aqui n' *O Jornal* havia um cidadão chamado Maranhão que me ajudou muito e esse Maranhão ele era cearense, assim como o Catulo da Paixão é Cearense, mas é maranhense. Muita gente pensa que o Catulo é cearense, mas ele é maranhense e esse Maranhão era cearense, bom jornalista que

ocasionalmente dirigia *O Jornal* quando o Austregésilo de Athayde falhava, o Austregésilo de Athayde era o diretor. E o Chatô, Dr. Assis como a gente chamava, era um gênio. Eu não sei que hora que ele dormia, ele vivia pela rua arranjando dinheiro e fazia artigos enormes escritos a mão, e bem escritos, era uma figura extraordinária. E fiquei no *O Jornal*, mas depois, como os pagamentos lá eram atrasados também, sempre tinha muito disso, você trabalha num jornal e não sabe quando recebe, o *Diário Carioca* era um deles. E aí eu resolvi sair porque *O Jornal* não tinha realmente um espaço para a matéria de polícia, era uma página. O repórter de polícia não significava nada, então, eu procurei ir para a *Luta Democrática*, que era o jornal de polícia, de matéria de polícia o jornal inteiro; e não me arrependo não. E fiquei vários anos lá na *Luta Democrática*. Tive muito contato com o Tenório Cavalcanti, era uma figura muito, ao contrário do que dizem por aí... O Tenório era, digamos assim, aparentemente ele parecia uma figura de gibi, com aquela capa de advogado, chapéu coco e uma metralhadora a tiracolo. Então, esse Tenório era uma pessoa educada, refinado, principalmente na hora de comer, cheio de manias de arrumar coisas, era completamente diferente do que você podia imaginar na realidade. Agora, duro e capaz de dizer o que pensava e fazer coisas extraordinárias. Como, por exemplo, parecia o Nordeste: não gostou, mata. E o Tenório era nordestino, era paraibano, não sei se paraibano ou alagoano, um dos dois, não me lembro agora, e ele então era uma pessoa dura e não tinha medo de nada. E um dia mandaram buscar um delegado em São Paulo chamado Imperato, para se instalar em Caxias. Eu sei que veio esse delegado chamado Imperato para o Rio de Janeiro, Caxias, para acabar com o Tenório. Trouxe um ajudante de Vitória, por motivos sórdidos era aquele tipo realmente de polícia asqueroso, então, começaram a provocar o Tenório, começaram a jogar pedras na casa do Tenório, começaram a dar tiros, começaram a fazer mil coisas para irritar o Tenório. E um dia o Tenório foi à delegacia reclamar, mas foi a caráter com chapéu coco e tal, deputado; e aí o delegado deu um piparote no chapéu dele que caiu no chão, e ele se junta para pegar o chapéu e os jornais tiraram fotos, então, apareceu no dia seguinte o Tenório ajoelhado nos pés do Imperato e ele, então, disse para o Imperato o seguinte: "o senhor está com os dias contados", mas não deu outra não. E aí um belo dia, eles continuaram jogando pedra e dando tiro na casa do Tenório, ele foi para delegacia e fuzilou a delegacia. Isso está no filme que nós fizemos. Arrebentou a frente da delegacia toda com a Lurdinha, a metralhadora, aquela metralhadora tipo dos gângsteres americanos, com aquela rodela de goiabada, arrebentou a delegacia toda. Muito bem. E o Imperato continuou e, então, um dia o Imperato estava saindo da casa da amante, o carro dele foi furado por mais de 50 tiros, era um Chevrolet preto, todo carro no Rio de

Janeiro, todo táxi era preto e aí foram saber que no fundo de cada bala, na cápsula tem a marca de onde é que vem e tal, menos essas balas do Tenório, não tinha nada e ele disse: "Minhas balas não foram, podem examinar", não tinha, não tinha nada, era aquelas balas que vinham do Paraguai... Ninguém sabe quem atirou, então, subiu e desceu, muita discussão, a imprensa inteira contra o Tenório e ele não foi preso, não conseguiram provar que ele tinha assassinado o Imparato, mas foi ele quem assassinou. E aí ele dizia assim: "assassinei não, justicei".

**Nessa época, quais eram as principais pautas da reportagem policial? O que era a página policial dos jornais?**

Nós éramos completamente sem importância dentro do jornal, a começar pelo salário, o menor salário depois do contínuo era o nosso, nós éramos a figura sem importância. Tinha até um cantinho onde a gente ficava mesmo e tal, de maneira que nas primeiras páginas dos jornais não saíam fotografias de negros, ainda que fossem jogadores bem sucedidos, não saía. O noticiário nacional era na última página de jornal, a primeira página eram os países nobres, principalmente a França, ainda se falava francês, era comum você ir na reunião de um intelectual e ele estar falando francês, como agora se fala inglês e eu espero já ter morrido quando começarem a falar chinês. Então, o repórter de polícia era um imbecil, um garoto de recado, e se confundia muito com outro profissional chamado setorista, que os jornais tinham nos hospitais, não sei onde, corpo de bombeiro etc, que passava pelo telefone notícia ou de noite chegava e lhe contava o caso e você escrevia para ele, porque ele não sabia escrever direito. De maneira que a parte de polícia n' *O Dia* era maior, *O Dia* procurava seguir o receituário da *Luta*, embora seja jornal mais antigo. Agora, nos outros jornais, nos jornais nobres como o *Jornal do Brasil* e *Correio da Manhã*, isso era negócio sem nenhuma importância. Não havia ainda as gangues, então, os morros eram dominados pelos sambistas, havia brigas de gente pobre, um matava o outro e tal, mas não havia uma, digamos assim, uma organização do crime, o crime estava inteiramente caótico. Essa organização do crime começa com Lúcio Flávio, foi o primeiro cara que criou uma gangue realmente com 50 homens, eles obedeciam a um rigor terrível, nunca ninguém traiu ninguém e durante 10 anos essa gangue infernizou a polícia do Rio de Janeiro. A polícia, claro, não era tão equipada como hoje, existia também um negócio chamado Guarda Civil, eles se vestiam todos de verde, e ainda existia uma polícia que era da ditadura de Vargas chamada Polícia Especial, os caras eram vestidos de cinza com o bonezinho vermelho, eram de uma perversidade total, o menor não podia ter menos de 1.75m, tinha muito cara que vinha do Rio Grande do Sul e Santa Catarina e eles preferiam essas pessoas porque não tinham relação aqui com

ninguém do Rio de Janeiro. Então, quando a Polícia Especial chegava ia arrebentar, matar todo mundo na porrada. Eles eram o entulho da ditadura do Vargas, como a PM é o entulho de 1964. Então, a gente se mexia e depois dentro do jornal lutava para que a matéria saísse. Muita matéria que a gente fazia não saía, não tinha nenhuma importância. Esse cara matou o outro, e daí? Não interessa, não vende jornal. O jornal é nobre, o jornal é de artigos, o jornal é de idéias – idéias do dono do jornal, sempre a família dominando, como *O Globo* faz hoje, orientando princípios, quer dizer, favoráveis aos que estão no poder. Continua igual, sendo que hoje, felizmente, os leitores sabem mais um pouco do que acontece nas chamadas classes altas, antigamente não sabiam, ninguém antigamente ia falar que um senador como o Renan Calheiros fosse um patife, ninguém ia falar isso. Imagine, senador era um deus, sem defeito e sem corrupção e já eram todos corruptos, mas ninguém podia dizer isso. Havia também um jornalismo da esquerda, do Partido Comunista, *A Voz Operária*, por exemplo, que vendia muito jornal, mas a maioria era distribuída de graça, e chegaram a ponto de ter uma editora, por sinal pertinho da polícia na rua da Relação, onde fica esquina de avenida Gomes Freire... Havia uma editora ali chamada Vitória, que era do Partido Comunista, vendia livros e tal, jornal e tudo lá. Foi o período em que o partido esteve liberado, não havia perseguição ou havia perseguição, mas sem muito rigor. De maneira que eu transitei por esses jornais todos, n'*A Voz Operária* eu nunca trabalhei, mas nos outros todos eu transitei, começando, como eu lhe disse, pela *Revista da Semana*, que não tinha nada ver, era um departamento comercial. Mas eu comecei a ser jornalista mesmo na *Luta Democrática* do Tenório Cavalcanti e, depois, como eu lia muito no período em que eu fiquei desempregado no Rio de Janeiro, eu ia pra biblioteca e passei a morar na biblioteca lendo, havia um período que eu freqüentava tanto... a Biblioteca abria de manhã, abria às 10 horas, e fechava às dez da noite, e sábado abria também no mesmo horário, então, eu ia todo dia e ficava lá. Houve uma época que tinha uma mocinha que trazia um sanduíche para mim, porque eu entrava lá dez da manhã e saía às onze da noite, lendo, li tudo que podia. E aí isso me facilitou muito, porque havia os períodos em que eu não conseguia jornal, eu ficava desempregado, e graças a um amigo que eu conheci nesse departamento comercial da *Revista da Semana*, que a *Revista da Semana* era uma empresa que tinha muitas publicações, como *Eu Sei Tudo*, *Esporte Ilustrado* e *A Cena Muda* (que era uma revista muito antiga e o cinema passou a ser falado, mas eles não mudaram o nome da revista, portanto, ficou *A Cena Muda*). E lá eu conheci um grande amigo que era tradutor do *Eu Sei Tudo* chamado Bolívar Costa, e esse Bolívar Costa se transformou numa espécie de irmão meu e quando um dia eu estava desempregado (eu estava saindo do departamento

comercial da Revista da Semana e tentando me agarrar na *Luta Democrática*), então, esse amigo meu, Bolívar Costa, me levou para morar clandestino na Casa do Estudante, que ficava ali na Rua Santa Luzia, ainda tem até hoje, só que não tem mais os estudantes lá dentro, não sei o que foi que aconteceu que transformaram a casa em escritórios comerciais, mas a casa era do estudante e foi feita na ditadura do Vargas para os estudantes. E eu morava lá clandestinamente, o que significa que eu tinha que sair às sete da manhã, quando mudava a vigilância, e tinha que entrar às dez da noite, quando mudava de novo a vigilância. De maneira que eu adquiri boa experiência nessas andanças em busca de sobreviver no Rio de Janeiro, isso era década de 1950. Eu cheguei em janeiro de 1954, meus padecimentos começaram em janeiro mesmo. Eu trouxe alguns trocados, gastei logo, certo de que eu ia trabalhar n'O *Jornal*, mas não trabalhei n'O *Jornal* coisa nenhuma.

**Você chegou ao Rio de Janeiro em janeiro de 1954, poucos meses antes de uma grande crise política, que marcou a história do país para sempre e que culminou com o suicídio do Getúlio. Qual era a situação dos jornais impressos, da imprensa carioca naquele momento?**

Havia um jornal que era uma agressão gráfica, chamado *Tribuna da Imprensa*, do Carlos Lacerda. O Carlos Lacerda era uma figura amargurada. Ninguém sabia no jornalismo o que ele queria realmente. Ele foi repórter do *Correio da Manhã*, ele foi não sei o quê, ele escrevia bem, mas ele queria ser o gênio da bola e aí quando ele conseguiu assumir a direção da *Tribuna da Imprensa*, cujos patrocinadores verdadeiros nunca foram nominados, eu, por exemplo, nunca sei quem pagava a *Tribuna*, porque a *Tribuna* quase não tinha anúncio e circulava todo dia... Aliás, continua sem anúncio e circulando, é um mistério ... E o jornal é coisa muito cara e aí o Lacerda vaidoso, extremamente vaidoso e inteligente, ele optou para se firmar e afirmar o nome dele através da oposição, mesmo sendo uma coisa da direita. Então, ele se transformou, ele foi comuna e se transformou num inimigo dos comunistas, o que muito agradava ao pessoal da direita. A *Tribuna* estava vivendo em cima disso. Nessa época ele criou o Clube da Lanterna, que era comandado por senhoras e desde a década de 1950 ele foi se transformando no líder da direita, mas conscientemente da direita. Atacava o Getúlio Vargas todos os dias, a família do Vargas, o crioulo chamado Gregório Fortunato, atacava todo mundo. Segundo ele, a família de Getúlio Vargas era uma família de bandidos, que havia se apoderado do país. Eu tinha uma certa simpatia por ele, porque nessa época eu já sabia que o Getúlio Vargas tinha colocado como agente político dele um bandido chamado Filinto Müller, e eu sabia também que, dentre outros crimes praticados por eles [durante o Estado Novo], estava o envio da Olga Benário, grávida, para

morrer num campo de concentração alemão e isso foi feito com o conhecimento do Getulio e o Lacerda não disse nada. Lacerda não dizia nada e o Getulio nessa época [do Estado Novo] era muito amigo do Hitler, muito amigo. A guerra estava braba e aí o Getulio começou a se bandear para os americanos; e os americanos gostaram, instalaram uma base poderosa em Natal para enfrentar os alemães na África, enfim, e isso tudo o Lacerda não atacava, ele só atacava o Getulio como pessoa, das engrenagens ele não falava. Muito inteligente, como eu disse, escreveu bons livros e fundou uma editora chamada, eu até publiquei livro por lá, Nova Fronteira. Uma editora boa, teve filhos bons, um deles muito bom, chamado Sergio Lacerda, pessoa boa que não tinha nada a ver com o radicalismo do pai, que, aliás, morreu cedo. E o sonho do Lacerda era chegar a presidente da República, mas ele era de tal forma vinculado ao que havia de pior nas Forças Armadas, principalmente na Aeronáutica, que ele acabou não chegando lá. Ele badalava muito o brigadeiro Eduardo Gomes, que se candidatou “n” vezes para ser presidente e nunca conseguiu ser eleito. Havia na população uma espécie de sentimento, em segredo, de que eles queriam tomar outro rumo. Por isso, que o Getulio, muito esperto, quando ele volta como presidente democrata - o cara tinha acabado de ser ditador, voltou como presidente democrata porque ele era um gênio do discurso - ele apóia o Juscelino para ficar no lugar dele, só que ele se enganou, o Juscelino não ficaria no lugar dele, embora tenha sido eleito um pouco com a badalação de Getulio. Isso tudo a gente via nos jornais, eu como repórter de polícia ia lendo e vale dizer também que a minha categoria não lia nada. Nós todos bebíamos, eu também bebia. Repórter de polícia não tinha, digamos, objetivo na vida. Eu conheci alguns já velhos, derrotados dentro do próprio jornal em que trabalhavam, então, achei que eu tinha outras coisas a fazer além daquilo. Então, em 1954 mesmo, lá pelo mês de outubro, eu consegui comprar uma máquina de escrever, consegui alugar um quartinho pra ficar, porque antes eu morei em vagas e havia uma vaga na Correia Dutra que tinha tanto ladrão, porque eram vários caras morando ali dentro, que um dia eu procurei as minhas quatro camisas e só tinham duas, já tinham roubado duas. Depois, eu comprei mais duas e vestia as quatro para não serem roubadas, você imagine no Rio de Janeiro, um calor desgraçado, você com quatro camisas, isso tudo com paletó e gravata. Ninguém entrava em jornal sem paletó e gravata, nem em cinema. Cinema de primeira classe não entrava sem paletó e gravata, então, a gente entrava, dava a gravata pro outro, era um negócio.... era um rigor tremendo, um elitismo europeu em pleno trópico. De maneira que eu comecei a fazer minhas histórias sem nenhuma pretensão, e depois que já tinha algumas, eu resolvi vender a máquina de escrever e publicar um livro chamado *Depois da Luta*, o título está errado tinha que ser *Antes*, pois a luta ia começar. E aí

eu me habituei a lutar, morar em pensões, fazia certas compras e não pagar, a gente era, nós éramos famosos, ninguém vendia nada se soubesse que você era jornalista, ninguém aprovava o seu crédito, para alugar apartamento era uma dificuldade, tinha que arrumar fiador e esse fiador tinha que jurar que se você não pagasse ele pagava, porque o jornalista não pagava e o cara que alugava ficava com medo de sair uma nota no jornal contra ele. De maneira que eu passei por essas pequenas aventuras e, em 1954, os jornais tinham muitos anúncios de emprego e tal, e eu fiz propostas para três empresas, uma de publicidade por causa desse negócio da *Revista da Semana*, uma outra que eu não me lembro e uma outra que vendia máquinas gráficas reconcondicionadas, essa empresa era alemã, e meu chefe aqui no Rio era um alemão muito do imbecil que tinha horror de nordestino e eu dizia: "Mas pra quê você me empregou?". Ele era o chefe do escritório e esse escritório tinha três vendedores, um deles era o senhor Osmar, que um belo dia chegou para mim, sabia que eu não tinha nada a ver com aquilo ali, e aí ele disse: "Olha, eu acho que tem uma pessoa na *Revista da Semana* que quer falar com você". E foi aí que ele me levou para esse departamento dirigido pelo Costa Junior. Daí para frente eu fiz amizade através dos corretores que faziam corretagens para a *Revista da Semana* e para outros jornais e fui fazendo contato com as pessoas, mas foi muito duro, muito duro. Eu morei numa pensão numa Rua do Matoso, perto da Praça da Bandeira, e estava desempregado nesse período e eu ficava em casa pensando como eu ia fazer para comer e pagar a pensão. E aí um dia eu descobri um cara que era cliente ali, me pareceu novo, mas me disseram que ele era cliente sempre que ele vinha de São Paulo, ele se hospedava lá, chamado Juca. Do lado da pensão tinha um prédio que vivia fechado havia a Camisaria Progresso muito importante, instalada na Praça Tiradentes, e esse prédio do lado da pensão era todo ocupado com camisas, era um depósito de camisas, camisas, calças, coisas da loja. Bom, e esse Juca saía comigo, tinha um restaurante ali perto na Praça da Bandeira, saía comigo para jantar e não sei o quê, eu não tinha dinheiro e ele pagava, dizia: "Não se incomode não e tal", enfim, uma pessoa atenciosa, educada e tal, sempre bem vestido e era interessante como ele não trabalhava e eu não ia perguntar para ele como é que ele fazia. E aí um belo dia eu cheguei na pensão e estava a maior confusão, eu disse: "o que houve?". Tinham assaltado o prédio do lado, levaram tudo, tiraram o telhado, entraram pelo telhado e levaram literalmente tudo o que tinha dentro do prédio num caminhão que ficou parado, desde cedo esse caminhão estaria parado ali. Sabe quem foi o autor? O Juca, o Juca era um tremendo assaltante. Aí eu disse: "Ora veja, eu sou repórter de polícia e estou encontrando um personagem". O Juca, assaltante, ele liderava um quadrilha para roubar só roupas, principalmente camisas, ele passava um tempão

num determinado lugar descobrindo onde estava as coisas, cada empresa dessas tinha um depósito e ele queria saber onde estava o depósito, pagava a pensão adiantado, uma vez pagou a minha conta.

### **Como você entrou para o jornal *Última Hora*?**

Antes da *Última Hora* eu fui para o *Diário Carioca*, que esse tem uma história interessante. A coisa mais difícil no *Diário Carioca* era você receber o dinheiro. Nesse tempo, o jornal era dirigido pelo Carlos Castello Branco, figura maravilhosa, grande jornalista, e aí ele me aceitou na hora e tal, me contrata e quando já estava tudo certo ele virou para mim e disse assim: "só há um detalhe agora". Eu disse: "Qual é?". "O jornal quando paga muito, paga três vezes por ano, em geral são duas e você corre o risco de entrar na fila e o dinheiro acabar, e aí só no outro ano". Mas aí fui pedir dinheiro emprestado para o cara do bar – embaixo de todo jornal tem um boteco, ou embaixo ou na frente – era o Manoel, ele nos emprestava e depois cobrava 20% do que a gente recebia, também ele corria o risco do cara no meio disso ficar desempregado e não ficar mais lá. Mas eu nunca trabalhei num jornal onde a equipe fosse tão boa, eficiente, esse jornal chegou a estabelecer normas de redação no Rio de Janeiro. O *Diário Carioca* é inventor do lide na imprensa [carioca]. Houve uma vez um incêndio de um navio no porto em que o *Correio da Manhã* publicou uma página inteira: "A Tragédia, As Chamas, Gritos e tal e não sei o quê...". E no *Jornal do Brasil* um americano que estava perto do navio escreveu um artigo, sabe de quanto? De 20 linhas e é muito mais completo que a matéria de uma página inteira do drama do *Correio da Manhã*, a reportagem era uma coisa assim totalmente perdida, totalmente sem normas. O *Diário Carioca*, então, graças ao Pompeu de Souza, que vivia nos Estados Unidos, ele, então, criou, trouxe para o Rio esse receituário do lide, aquilo que é principal no começo da matéria, depois a história da matéria.

### **Como os jornalistas absorveram essas inovações que o Pompeu de Souza trouxe dos Estados Unidos?**

Os grandes jornalistas achavam isso um absurdo, que ficava descaracterizando o jornal, tirando a alma das matérias, porque ele sintetizava... E o *Diário Carioca* exagerou de certa maneira, porque chegou em determinado ponto em que você pegava o jornal assim e parecia um jornal de poemas, porque era lide, sublide, quatro linhas no lide, quatro linhas no sublide e dez linhas na historinha, vinte linhas na historinha. Você pegava o jornal assim e aquele monte de matéria parecia poema dos modernistas porque secou demais e aí o jornal se perdeu, exagerou na técnica, e, digamos assim, o emocional da matéria foi para o brejo. Tinha um

repórter, era repórter de polícia, chamado Fernando Presídio, figura... Presídio era mesmo o nome dele, não era apelido não. Então, ele estava tão enfronhado na objetividade do jornal, que um belo dia havia muito negócio de surfista de trem, o cara está lá em cima, o fio pegou, jogou embaixo entre um carro e outro e o trem passou e mesmo assim ele ainda ficou agarrado nos trilhos com as pernas amassadas. O Fernando Presídio chegou e disse assim: "Cara, como é que foi isso aí? Dê as declarações, o que é que aconteceu?", o cara declarou: "ai, ai, ai" e ele botou na matéria: "O cara declarou: 'ai, ai, ai, ai'". (risos) Só para formar a linha certinha, então, tinha o lide, depois três linhas de "ai, ai, ai, ai, ai, ai, ai". O Deodato Maia pegava essas matérias e de noite, tarde da noite, quando tinha fechado o jornal, porque a gente ainda tinha mania de ficar esperando o jornal rodar pra trazer.... O Deodato Maia pegava essas preciosidades escondido e de noite ele lia isso. E uma outra história muito interessante aconteceu na Rua de Santana, que era uma rua de prostituição, quando um grupo mudou lá para perto e começou a fazer campanha para demolir, para "destronar" as prostitutas e conseguiu. As casas foram sendo demolidas e tal. E nós tínhamos um companheiro que foi fazer uma cobertura. E fez um texto-legenda – e para um texto-legenda, cinco linhas está muito –, ele fez 20 linhas, cujo o título era o seguinte: "Tombam as paredes perfumadas". Aí vinha: "Amores apaches, não sei o quê, óleos canibalescos", uma loucura total e o Deodato lia essas matérias e a gente morria de rir. Mas na hora de receber o dinheiro, era para chorar... Uma vez quase que eu fico de um ano para outro, quase. A fila se formava desde as duas horas da tarde para o pagamento começar a sair às dez da noite, tinha gente que marcava o lugar. E nessa época não, mas logo depois esse dinheiro vinha tudo com aquelas manchas vermelhas, sabe de quê? Poeira de Brasília, quem pagava era o Israel Pinheiro.

**Você disse que a equipe do *Diário Carioca* foi uma das melhores com as quais você trabalhou. Quem mais fazia parte da equipe?**

Helio Pólvora, Luís Edgard de Andrade, Carlinhos de Oliveira, Hermano Alves, Evandro Carlos de Andrade... Essas pessoas tinham uma formação, sabiam escrever. Quase todo jornalista bom tinha passado pelo *Diário Carioca* e aprendia essas normas da objetividade.

**Como foi sua a entrada na Última Hora?**

O Samuel Wainer gostava de mim, não sei por quê, e era amigo do Nelson Rodrigues. E dizem que o pedido que o Nelson Rodrigues fez para o Samuel Wainer me admitir foi patético. Disseram que ele chegou e disse assim: "Há um nordestino aí na calçada, morrendo de fome, chamado José Louzeiro, sabe ler e escrever e

quer trabalhar no jornal. Como esse jornal aqui é uma merda mesmo, eu gostaria de saber o seguinte: você tem coragem de admitir esse rapaz ou vai negar e quer que ele morra? Porque você é um judeu safado". Porque embora o Samuel Wainer parecesse árabe, ele era judeu e o Nelson sacaneava, mas o Samuel gostava do Nelson e estava pouco ligando, desde que não pedisse aumento. Aí eu fui admitido. Fiquei amigo do Nelson. O Nelson era uma figura. Escrevi uma peça sobre ele, tenho um texto sobre ele, só não foi publicado porque os filhos são contra. Agora, eu trabalhei seis anos com o Nelson, o filho dele estava preso, eu conheço mais o pai dele do que ele, e o Nelson quase não ia em casa, uma figura. Ele levantava da cadeira, ele sentava de lado, e eu disse: "Nelson, por que você senta assim?"; "Não quero ver o que escrevo, não quero ler o que escrevo". O sonho do Nelson era ficar em casa fazendo as peças dele, mas ele fazia no jornal. Aí ele se levantava e saía pela redação dizendo: "Eu sou um triste, eu sou um triste". E enquanto ele passeava pela redação, cada um de nós chegava na máquina dele e botava algo no diálogo, esticava o diálogo, e ele chegava ali e continuava. Quem fazia mais isso era um colega meu chamado Pinheiro Junior. O Nelson tinha uma meia página chamada *A Vida Como Ela É*, e esse Pinheiro Junior trazia as cópias de matérias e dava para o Nelson, as nossas cópias todas, e ele selecionava em cima do que ele ia trabalhar para fazer *A Vida Como Ela É*. Esse rapaz era fantástico, Pinheiro Junior, era um grande repórter, está vivo.

### **Como era o Nelson Rodrigues fora da redação, como amigo?**

Ah, não pagava cafezinho! Nelson Rodrigues não pagava cafezinho. Católico, ia a missa todo dia, só não ia aos sábados e domingos. Eu perguntava: "Mas por que você não vai?", "Esse é o dia em que a Igreja está cheia, é muito católico junto. Tem muito católico junto e quando eles se juntam...". Era uma figura o Nelson. No meu tempo considerado um patife, um devasso! O que a *Tribuna*, o que o Lacerda escreveu de artigo contra o Nelson não está no gibi! Depois, agora, outro dia, descobriram que é um gênio, mas quem descobriu primeiro foram os alemães. Houve uma época, se não me engano, há três anos atrás, havia quatro peças do Nelson encenadas em várias cidades alemães. Eu tenho muita admiração pelo Nelson e pelos colegas do *Última Hora*, foi um jornal assim onde você se sentia bem de trabalhar. Havia uma jogatina de baralho no final da noite, que eu não participava porque não sei jogar nada, mas atraía muita gente, ou jogo de bola, afastava as mesas com aquela bola de meia e... chute pra lá, chute pro outro... E aí às vezes quem chegava para parar o jogo? O Samuel: "Pára o jogo que o Oswaldo vem aí". Quem é o Oswaldo? O Oswaldo era o gerente. O Samuel era uma figura. A *Última Hora* era outro tipo de jornal, um jornal aberto, um jornal onde a gente se

sentia bem de trabalhar. Havia um secretário dinâmico chamado Jorge Ribeiro, que quando a notícia não prestava, ele mastigava a notícia e engolia o papel, espinafrava o repórter e mastigava a notícia.

### **Você pode contar aquela história do Nelson Rodrigues com o Roberto Marinho?**

Eu acredito que o jornalismo devia recolher o lado humorístico dessa nossa vida atribulada, as piadas, as coisas reais que pareciam absurdas dentro do próprio jornalismo. No *Diário Carioca* uma vez aconteceu uma que é simplesmente antológica. Nesse tempo os navios traziam bois que saltavam na Praça Mauá e esses bois eram levados para o matadouro. Uma vaca sumiu, escapou e onde foi que ela entrou? No *Diário Carioca*, na redação do *Diário Carioca*. De repente, o Deodato Maia estava diagramando o jornal e olhou, mas como ele bebia muito ele disse: "Será que é de verdade? Uma vaca!". Aí aquela vaca, foi chegando gente para conferir que era vaca mesmo porque ele não estava tendo delírio e a vaca, então, desceu as escadas e foi embora, entrou no meio da Rio Branco que era mão e contramão e lá foi uma confusão, uma confusão de carros. Tudo bem, até aí é uma história absurda, mas não tem nada demais. Não havia um fotógrafo do *Diário Carioca* para tirar fotografia da vaca dentro da redação e muito menos andando pela rua até a Sete de Setembro. Aí Deodato chegou e contou essa história que não havia repórter, não havia fotógrafo. Mas de repente chegou o Castellinho, esse repórter, isso é um fato que estou lhe contando, e chegou um fotógrafo, cujo nome não me recordo. Muito bem, como reconstituir o caso da vaca? Aí foram lá no navio pediram emprestado a vaca, soltaram a vaca de novo e foi aquele horror. E aí o cara fotografando a vaca e o Castellinho atrás para fazer a matéria! Agora, como foi devolvida a vaca eu não sei, nem sei se devolveram porque, imagina, jornal naquele tempo estava interessado no fato, as conseqüências que se danem. Mas essa é uma coisa interessante. Outra piada curiosa, que é verdadeira, mas que tomou caráter de piada dada a sua constituição, foi o episódio do Nelson Rodrigues com o Pinheiro, Pinheirão, que era o chefe de reportagem d'O *Globo*, chefe de reportagem ou secretário, ele sozinho manobrava com aquele pessoal todo. O Nelson era d'O *Globo*, ficou doente várias vezes de tuberculose, e o Roberto Marinho mandava tratá-lo em Campos de Jordão. Ele escondia um monte maços de cigarro na maleta que levava para o hospital. Bom, e aí acho que umas duas ou três vezes O *Globo* pagou para ele ir para lá. O Nelson, então, era d'O *Globo*. Mas havia um jornal comunista chamado O *Popular*, que pagava para o Nelson escrever para eles. Era muito difícil jornal comunista pagar, mas pro Nelson eles pagavam. Então, o Nelson escrevia um artigo por semana com o pseudônimo de Suzana Flag.

Muito bem, aí um belo dia o Roberto Marinho pegou o jornal, leu e chegou para o Pinheiro e disse: "Pinheiro, leia isso aqui", aí o Pinheiro leu e disse: "É o Nelson", porque o Suzana Flag não interessa, o que interessa é maneira como ele escreve. Aí o Nelson apareceu, o Pinheiro disse: "Vem cá, Nelson. Você sabe o que é isso aqui?", "É uma senhora escrevendo um artigo", ele disse: "Não, senhor. Não seja sem vergonha, isso aqui é seu. Essa senhora é um pseudônimo, isso tudo aqui é seu. Olha aqui, olha as suas palavras. Você, como é que você faz um negócio desses depois do Dr. Roberto Marinho mandar curar a tua tuberculose? Você é um patife, você não vale nada! Rua! Comigo não trabalha mais! Está na rua, está fora!". Aí o Nelson saiu por ali, juntou as coisas dele na mesa, que não tinha quase nada, e ficou esperando o Dr. Roberto. O Roberto chegou, se meteu lá no boxzinho em que ele trabalhava, ficou no telefone, e o Nelson ficou passando de um lado para o outro, até que o Roberto Marinho disse: "Nelson, o que está acontecendo?", ele disse: "Olha, Dr. Roberto é o seguinte: eu acabei de ser demitido. O Pinheiro me demitiu e ele está certo". Ele disse: "Por quê?". "Porque, de uns tempos para cá, eu venho escrevendo uns artigos contra o senhor publicados num jornal chamado *O Popular* e esse aqui é o jornal. Aliás, está aqui um artigo contra o senhor, chamando o senhor de americanófilo e tal, várias coisas". O Roberto teria dito assim: "Esse não é um jornal comunista?". "É, sim senhor. Comunista, mas me paga toda semana e é com esse dinheiro que eu faço a feira". "Mas *O Globo* não lhe paga?". "Paga pouco e eu gasto e aí quando chega na semana da feira eu não tenho dinheiro. Agora, toda semana eu tenho esse dinheiro seguro". O Roberto: "E o Pinheiro, disse o quê?", "Me demitiu, não quer mais nem me ver". O Roberto pegou o jornal, olhou e disse: "Nelson, fale para o Pinheiro que você vai continuar e continue fazendo os artigos". Roberto era realmente uma pessoa de um comportamento inacreditável. Na ditadura, eu tive um colega chamado Franklin de Oliveira, que era comunista, brizolista, mandaram de Brasília e ele admitiu o Franklin de Oliveira no jornal. E o Franklin de Oliveira, coitado, ainda tinha um problema de fonoaudiologia sério que quando ficava nervoso ele ficava gago e quase não saía nada. Aí o Roberto chamou, admitiu o Franklin e veio uma ordem de Brasília, para demitir o Franklin de Oliveira, que era comunista e não podia trabalhar num jornal da expressão d'*O Globo*. E o Roberto Marinho respondeu para o cara o seguinte: "Aqui é o seguinte: nesta casa mando eu. Se é comunista ou não, se é jornalista trabalha comigo. E estamos conversados, ou eu vou me queixar ao presidente". O Franklin de Oliveira ficou trabalhando um tempão, embora fosse contra o Roberto Marinho. Era outro negócio parecido com o Nelson Rodrigues.

**Agora, vamos às grandes coberturas da reportagem policial dos anos 1960. Então, eu gostaria que você contasse como foi a sua cobertura no caso Mineirinho em 1961.**

O Mineirinho nesse tempo era a pauta. O Mineirinho era ladrão caracterizado apenas pela audácia, não tinha qualidades maiores como tinha o Lúcio Flávio. Foi, apenas, um cara que começou roubando o próprio patrão. E o depoimento dele é de que ele roubou pelo seguinte: porque era mais fácil, ele conhecia tudo do patrão e outra pessoa ele ia ter que descobrir e tal, como ele estava precisando de dinheiro, então, ele roubou logo o patrão. Agora, era uma pessoa cruel, quer dizer, num aperto ele matava mesmo. Ele era isolado, ele era aquele delinqüente isolado, sem idéia de grupo. Quando vem o Lucio Flávio e tem idéia de grupo, idéia de formar uma quadrilha... tinha cinqüenta homens. Para você manter cinqüenta criminosos reunidos é uma barra. Contam até uma piada, que não pode ser verdade (uma vez eu perguntei para o Lucio e ele começou a rir e não respondeu), que havia um rapaz apelidado de Jacaré e quando a quadrilha se reunia... porque a quadrilha quando vai atacar ela não vai toda não, vão cinco para cá, cinco não sei para onde, é como time de futebol e tem um negócio que ele resguarda o pessoal para não se ferir, não é todo mundo que vai assaltar, vão cinco, seis. E aí eles estavam reunidos num galpão abandonado e tinha um rapaz chamado Jacaré que não parava de falar e tinha um cara que queria falar e o Jacaré falava, falava e não parava de falar, então, o cara tirou o revólver e deu dois tiros no Jacaré e matou e disse: "Agora eu posso falar". E o cara ficou morto e a reunião continuou. Então, para você ver... o que me impressionava como repórter, nessa coisa toda, era que a filosofia, a psicologia de uma pessoa dessa é completamente diferente de uma pessoa normal, completamente diferente... ele não tem nem o respeito... tem uma expressão popular da minha terra que é assim, o caboclo diz assim: "Doutor, para morrer basta estar vivo". É em cima disso que eles agem. O Lúcio Flávio, por exemplo, ele não tinha não tinha medo de morrer. O Mineirinho tinha medo de morrer. Quando o Mineirinho ia preso e era torturado e uma vez tentou até o suicídio. Agora, o Lúcio Flávio não, o Lúcio Flávio não tinha medo de morrer não. Lúcio Flávio era isento de medos, devia ser uma deformação, se eu fosse psicólogo podia ter apurado isso: isento de medos. Tanto é assim que, quando houve a ditadura e surgiram os assaltos a bancos bolados por intelectuais que sabiam o que estavam fazendo politicamente, o Lúcio Flávio, então, quando baixou essa temperatura dos comunistas fazerem assaltos, o Lúcio Flávio começou a assaltar bancos, ele só assaltava bancos. Sabe o que é assaltar um banco, com quatro, cinco pessoas? A estratégia? Por exemplo, eles assaltaram aquela agência do Banco do Brasil ali na Rua Primeiro de Março, aquela agência onde tem hoje o Centro

Cultural. Era fim de tarde, quanto mais confusão melhor, fim de tarde, assaltaram, os seguranças dos bancos, ainda não tinha a proteção que tem hoje e nem o meio de comunicação, então, houve a correria, a polícia foi chamada e quando chegou no lado da Candelária, não pôde entrar porque tinha dois caminhões atravessados na pista e do outro lado da Praça XV tinha outros dois caminhões enguiçados na pista. E eles fugiram tranquilamente, fugiram a pé com o dinheiro para pegar o carro mais a frente, então, essa estratégia ele tinha e seguia à risca. Assaltou muito banco, ele dizia um negócio que é meio maluco, mas funcionava para a turma dele: "Assalto banco porque é dinheiro que não tem dono, ninguém sabe quem é o dono. Então, eu vou lá e pego, passa a ser meu". Muito inteligente, o pai dele, o Oswaldo Lírio, era um dos principais cabos eleitorais do Juscelino Kubitscheck, o Lúcio era mineiro com casa boa em Vila Velha, no Espírito Santo; com casarão na Praça das Nações, ali em Bonsucesso, hoje lá é uma universidade, era o casarão deles; tinha dois ou três apartamentos de luxo na Rua do Matoso, prédios bons. O pai dele era bom funcionário do antigo Ministério da Aviação e Obras, era também desenhista, chegou a fazer exposições disso. Então, o Lúcio não tinha nenhum motivo para ser o que foi. Acontece que durante uma festa dele, de comemoração de aniversário de casamento, lá na Praça das Nações, a família estava reunida, um bolo em cima da mesa, chegaram três caras do DOPS para prender o Oswaldo Lírio. Então, houve um empurra pra cá, empurra pra ali, um policial pegou o Oswaldo Lírio e enfiou a cara dele dentro do bolo e o Lúcio Flávio avançou no cara, devia estar com uns 14 anos por aí, para bater no cara e cada vez que ele avançava o cara dava porrada e ele batia lá e voltava até que os caras foram embora e ele disse para os caras: "Eu vou pegar vocês", e pegou. Ele cresceu, se tornou bandido oficial, casou-se com uma mulher rica em Belo Horizonte, depois se desquitou bonitinho, tudo no papel; quando ele conseguiu se desquitar, ele assaltou uma agência bancária em Belo Horizonte, roubou tudo que eles tinham, veio para o Rio e aí foi ser bandido mesmo. O sonho dele, o sonho não, o propósito era descobrir os caras do DOPS e descobriu, matou os três. Sendo que um ele disse assim: "Esse foi o que me deu mais satisfação. Eu passei o dia inteiro matando o cara, eu comecei matando o cara às sete da manhã às sete da noite ele ainda estava vivo, sempre que ele estava para morrer eu fazia ele viver de novo". E um nós botamos no filme que fizemos, um ele mata dentro da banheira com água quente, meteu o cara lá dentro. Matou os três. O outro ele fez o cara engolir vidro moído e ficou esperando o cara morrer. O Lúcio era mau, mau, mau, não tinha medo de nada. Que mais ele tinha de interessante? Ele fugia... Nesse tempo vale lembrar que o delinqüente tinha cobertura dos morros, não quer dizer que seja em todos, mas na maioria deles tinha, o Lúcio Flávio tinha cobertura no Morro do Adeus, então, ele fugia e hoje ele

ficava nesse barraco, amanhã no outro, no outro, no outro, ninguém sabe onde ele está, essa era a técnica dele. Nesse tempo os bandidos faziam isso. Havia um bandido chamado Cara de Cavalo. Esse Cara de Cavalo, além das peripécias todas, ele costumava pegar dinheiro, comprar um monte de brinquedos, botar numa camionete e ia pelos morros distribuindo brinquedos e balas - balas de açúcar - e distribuía para as crianças. Fazia isso tranquilamente em vários morros. Então, voltando ao esquema da organização, bandidos como o Mineirinho eram bandidos primários, nós podemos dizer assim. O Cara de Cavalo também era primário. Não tinha senso de organização, com o Lúcio começa o senso de organização. E o Lúcio também, eu não sei a que ponto o cinema influenciou isso, o Lúcio vivia nos cinemas na Galeria Imperator, no Méier, ali era o centro deles. Como ele era uma figura forte e bonitão, ele acabava liderando o pessoal, ele era bom motorista, excelente motorista. Conta-se uma história dele, que é verdadeira, que é o seguinte: o Lúcio era habitué dessa galeria do Cine Imperator e o dono da boate, da principal boate, era o Wilson, que aliás eu como lhe mostrei dedico o livro para ele que me deu boas informações sobre a trajetória do bandido dos olhos verdes. E aí um dos desafios para ter uma noite com as mulheres e tal, porque a garotada não tinha dinheiro, então, tinha inaugurado um restaurante chamado Barril, em Ipanema, acho que ainda existe até hoje, mas nessa época foi inaugurado, então, foi o seguinte: só valia automóvel, não valia moto, então, quem chegasse de carro ao Barril e voltasse com uma nota de que comprou alguma coisa e chegasse primeiro lá no cinema, na boate, ganharia a noite com bebidas, as mulheres que quisessem e tal, não tinha nenhum problemas. O Lúcio nunca ia, mas um belo dia insistiram muito e ele tinha um carro chamado Simca Chambord, que não era roubado, foi o pai dele que deu, e ele mandou botar, já tinha um carburador ele mandou botar outro, dois carburadores, mandou botar uns faróis de milha no carro. E ele foi ao Barril, trouxe a nota e chegou 20 minutos antes de qualquer concorrente. Foi um escândalo. E no dia seguinte os jornais assinalavam o seguinte: um guarda de trânsito na esquina da Rua Santa Clara com não sei quem desmaiou, um ônibus entrou numa farmácia, vários carros foram arrebentados não sei onde, gente em pânico e tá, tá. Lúcio foi e voltou a 120 pela Rua Barata Ribeiro. Barata Ribeiro como a gente sabe, desde que eu conheço o Rio de Janeiro que é mão da praia para dentro, ele voltou por lá, ele não foi pela Av. Atlântica para dar a volta, ele voltou por lá. "Mas, vem cá. E se você batesse?", "Ia ser ótimo, eu não ia nem saber". Esse era o Lúcio.

**Qual foi o papel da imprensa na transformação desses bandidos em mitos?**

O jornal precisa vender. O jornal precisa vender, a despesa do jornal é muito grande. Então, o noticiário político, noticiário social, noticiário, enfim, o blá, blá não vende jornal, festa de aniversário não vende jornal, o que vende jornal é miséria e a miséria está com os bandidos. Então, a matéria de polícia se firmou por aí. Por exemplo, essa corrida do Lúcio Flávio pela contramão todo mundo quis ver porque era uma loucura total. Se ele tivesse distribuído lá no Barril não sei o quê, não interessava para ninguém. A gente não quer violência, mas se tirar a violência do filme ninguém vê. O ser humano tem uma índole violenta, se você tirar, fizer um filme só com notas de aniversário ninguém vai ver, então, por isso existe um negócio chamado dramaturgia, que, aliás, eu me tornei até um professor de dramaturgia. A dramaturgia faz parte e dentro de cada um de nós está escondido o lado bom e o lado mau, isso não tem: "Ah, mas eu sou muito bom", depende, depende da hora. O que está vendendo jornal agora? Milícia. Qualquer coisa agora é a milícia, a imprensa descobriu a milícia agora, até outro dia eram os traficantes, agora é a milícia. E essa milícia vai por aí porque eles vão eleger... eles deram um nó na corda democrática. Como vai saber se o cara que vai se eleger tem vinculação com a milícia ou não? Prenderam a filha, a Carminha, a filha do Gerominho, mas ela não teve o registro cassado não, ela pode ser eleita e se ela for eleita, olha o nó. Como se faz se ela for eleita? Se for eleita como ela pode ser cassada se ela ainda não assumiu? Para ser cassado tem que assumir. Se ela assumiu, os advogados vão em cima. De maneira que vejam a que ponto chegou a delinquência. Isso comparando com o Mineirinho, o Mineirinho é um imbecil. Agora não, agora a coisa chegou num ponto... Por quê? O que é a milícia? Quem são os milicianos? PMs expulsos e PMs que estão na ativa e ganham mal. E o que é que o PM quer para não ganhar mal? Se der 10 mil cruzeiros para ele por mês, ele ainda está achando pouco. Porque nós estamos numa sociedade de carro novo, de vamos comprar, comprar, comprar e o cara quer comprar um sítio, um navio, um avião. Ele não pára. Esse é o problema do capitalismo, é você oferecer um mundo maravilhoso, mas o excluído está fora disso. Até que ponto? Agora, não dá mais não, eles querem o poder. E nós estamos nos aproximando das Farcs e é isso aí. Porque ainda não fuzilaram o Fernandinho Beira-Mar? O Fernandinho Beira-Mar deve ter um arquivo que não tem tamanho e não está com ele, está fora do Brasil. E agora não precisa mais botar em jornal não, é internet. Repare que não tocam nele e vai para cima e para baixo, é o prisioneiro mais caro do Rio de Janeiro, do Rio de Janeiro não, do país, o que esse rapaz já passeou de avião para cima e para baixo, responde a processo e está respondendo a processo de novo... Afinal, ele não vai ser apenado? E ninguém entende mais, ele está apenado ou não está apenado? Ele está apenado ou não está apenado? Porque ele sabe das coisas, está

bom. E a ameaça é grande, a ameaça é grande. De maneira que eu estou muito atento ao negócio das milícias, porque esse é um verdadeiro nó e eu não sei como vão desatar. Por exemplo, quem é pior: o Gerominho ou o nosso presidente do senado Renan Calheiros? Quem é pior? Quem é mais safado? Fica difícil. O Gerominho, o irmão dele ou os caras do mensalão? E cadê os mensalões? Estão presos? Ninguém está preso. Onde está o senhor Daniel Dantas? Já entrou por uma porta, já não sei o quê, daqui a pouco, ninguém mais ouve falar... O Cacciola daqui há pouco some também. Teve dinheiro some, quem fica na cadeia é pobre. Agora, com essa ameaça de poder, a coisa fica muito séria. Você vê: o governador, que enlouqueceu, está pagando 360 mil reais por cada caveirão novo que chegou. Então, esse caveirão novo tem até ar refrigerado. Com esse dinheiro, 10 por 360 mil, quantos postos de saúde ele faria no morro? Não é melhor, ou você quer apagar incêndio com gasolina? Ele quer apagar incêndio com gasolina, ele está brincando para ver no que vai dar.

**Você acha que a imprensa acompanha esses acontecimentos com olhar crítico?**

Não, ela está acompanhando sempre contra. Ela não faz uma crítica saudável, ela é sempre contra. Se for miliciano agora, prende, esfolia e mata. O problema é que agora é o seguinte: quais são os milicianos? Essa é que é a questão.

**Você saiu da *Última Hora* e foi para o *Correio da Manhã*, que era um jornal que tinha uma importância política muito forte. Qual é o espaço que o *Correio da Manhã* dava para a reportagem policial?**

Muito pouca. O *Correio da Manhã*, principalmente nos últimos tempos da ditadura, ele se transformou no grande inimigo dos ditadores, batia forte mesmo, batia forte. Agora, a área de polícia não interessava, porque ele vendia muito por cima da agressão que nós fazíamos contra os militares, se é que se pode chamar de agressão porque, na verdade, nós estávamos nos defendendo. De maneira que esse jornal assumiu um vulto muito grande por ser inimigo dos ditadores, declarado. Todos os outros jornais faziam conchavos. *O Globo*, então, nem se fala, *O Globo* era um boletim dos ditadores. Mas o próprio *Jornal do Brasil* fazia conchavos e tal, a *Última Hora* estava muito ruim das pernas, a *Tribuna da Imprensa* ficava abanando e o *Correio da Manhã* não, o *Correio da Manhã* batendo em cima mesmo. Houve um dia em que a Niomar Muniz Sodré estimulou no jornal um título que vale a pena ser lembrado, quando o Mourão Filho dizia para um repórter nosso: "Eu sou uma vaca fardada". Agora, como colocar isso no jornal em plena ditadura? Então, o repórter foi para lá e ele era o cara que cobria a área

militar e trouxe a notícia no gravador – nesse tempo gravador pequenininho, era desse tamanho – aí ouvimos e tal e a Niomar disse: “Bom, isso é a manchete do jornal”. “Não! Não pode e tal”, o Edmundo que também era da alta direção do jornal. Pelo Cony publicava. “Vamos fazer o seguinte: o repórter volta a falar com o general se isso realmente foi o que ele disse”. O repórter fica até meio chateado, porque não só foi o que ele disse, como está gravado. Ávila, o nome do repórter. Aí o Ávila liga e todo mundo com os fones no ouvido esperando a resposta do general e o Ávila disse para ele: “General, a propósito daquela declaração sua, nós queremos dar um título aqui, mas está causando um certo reboliço, porque o senhor disse que o senhor é uma ‘vaca fardada’”. E aí o general diz lá do outro lado: “Claro, meu filho, eu sou uma vaca fardada. Eu, o Figueiredo, o Costa e Silva, o Castelo Branco é tudo vaca fardada”. (risos) Aí o título saiu, não saiu na manchete, mas saiu no jornal. Esse era o *Correio da Manhã*. E vendia, vendia porque o que tinha de descontente nessa cidade não estava escrito. O jornal vende sempre para o descontente. O que é a violência? A violência é o descontente que não quer continuar sofrendo aquelas conseqüências, aí, então, ele compra o jornal para ver em que nível se está. Aqui em Copacabana, então?! Isso aqui é comum. Não tem um dia que não se assalte, mate, esfole. Isso o que a gente sabe, fora os crimes que a polícia esconde.

**Em sete anos de *Correio da Manhã*, quais foram as suas principais reportagens no jornal?**

Uma delas foi sobre a Fera da Penha, ela já estava presa e eu fui lá fazer matéria com ela. O título de Fera da Penha quem botou foi um amigo meu chamado Amado Ribeiro, da *Última Hora*. Botou o nome dela de Fera da Penha. Também foi ele quem inventou o nome de [operação] Caça Mendigos, ele era um bom titular. A Fera da Penha é o seguinte: uma atendente de enfermagem que tinha um amante e esse amante tinha uma família organizada, tinha uma filha e ele era sádico. Quando ia ter relações, ele queimava ela com cigarro e tal, um sadismo. Essa mulher foi num crescendo e depois começou a se livrar desse cara e ele a perseguia, não deixava. E, então, ela teve um surto, de fazer com que ele sofresse também. Ela mata a menina para fazer o cara sofrer e o cara depois é o primeiro a acusá-la porque, enfim, ela exagerou na dose e de mais a mais ela decepou a menina toda e ficou totalmente sem razão. Por mais que fosse sofrimento dela, você não pode aceitar uma coisa dessas. Agora, curioso: o amante nunca foi importunado pela polícia, nunca. Porque, do ponto de vista psicológico, ele tinha muito a ver com a situação em que a mulher se colocou, ela virou uma louca. Cumpriu a pena toda e saiu da cadeia, se não me engano, há uns cinco anos atrás

ou seis anos atrás, está viva. Eu até fiz uma vez um depoimento para a TV Globo. Ela saiu. Não fala do crime, não explica nada, continua tudo do mesmo jeito e o cara eu não sei o que aconteceu com ele, não sei se está vivo. De maneira que temos que reconhecer que as pessoas podem enlouquecer e essa mulher tinha que ser colocada num asilo e não numa prisão. Ela enlouqueceu geral. E aqui não, é pobre, vai para a cadeia. Você chega na prisão só tem pobre, agora tem uma em Bangu especializada em atender os delinqüentes vips, chamado Bangu 8, onde está o Gerominho, o irmão dele, tem uma porção de gente, esteve lá o Cacciola, enfim... Até a imprensa reclamou que ele estava comendo peru, que vinha comida de fora de não sei da onde, besteiras. O interessante é que o rico está sempre escapando. O Daniel Dantas sumiu do noticiário e os outros vão sumindo, agora o pobre não some, ele fica lá no grampo, e é essa mágoa que fica curtindo no coração do pessoal da comunidade, fica curtindo, ele não sabe nem verbalizar, mas sabe que eles são excluídos mesmo. E o que a patroa quer que a empregada faça para poder dar o emprego para ela? Seja simpática, alegre, bons dentes e muita saúde. Mas ela não come, como ela vai ter isso tudo? Ela não vai ao dentista, então, se ela for procurar emprego com os dentes faltando e preocupada com o filho, porque ela larga o filho lá na rua e vai cuidar do filho da patroa. E aí depois? Você acha que o filho não vai ficar recalcado com isso? Claro que vai e aí começa.

### **Como fica a sua situação no jornal com o endurecimento da ditadura?**

A primeira coisa que você deve considerar é que dentro das redações foram colocadas equipes de censores, então, tudo que você fazia tinha que passar pela equipe de censores, tudo. Um texto legenda tinha que passar, uma legenda tinha que passar pela equipe de censores, então, ali não saía nada que não fosse do interesse deles. A própria reportagem de polícia, se fosse um negócio um pouco tendencioso... as minhas, por exemplo, não saíam. Então, saía o que eles queriam, rigorosamente o que eles queriam. E aí o *Correio da Manhã* começou a fazer uma coisa, a alcançar uma espécie de subterfúgio, que era ter um outro departamento, que fazia as coisas para botar no jornal depois que a equipe ia embora, mas aí o jornal perdia a hora da rodada, e quando eles descobriram isso eles iam nas bancas e apreendiam tudo quanto era jornal. Foi um período completamente absurdo e eu, por exemplo, sofri as conseqüências, eu só não: eu, o Cony, o Hermano Alves, Marcio Moreira Alves, o Carpeaux, o Osvaldo Peralva (que era ex-comunista e tentou fazer dobradinha com os milicos, mas eles não acreditaram, ele cansou de ser preso)... Todo mundo. Então, às vezes, o *Correio da Manhã* rodava, botava nos caminhões e em seguida era apreendido nos caminhões, eles deixavam botar nos caminhões para levar pro depósito.

**Você estava na redação do *Correio* quando houve a invasão na noite do AI-5?**

Estava, estava.

**Como foi aquela noite?**

Fugimos e quem não pôde fugir foi preso. O problema era que, você quando trabalhava no *Correio da Manhã*, nessa época, se você quisesse fazer um bico em outro jornal não aceitavam não. Você era considerado pior que comunista, tanto é assim que lá pelas tantas eu não suportando mais a pressão eu fugi para Brasília, baseado numa teoria do Lúcio Flávio, que me disse o seguinte: o melhor lugar para você se esconder, quando está foragido da polícia, é se instalar do lado dela. Ele era estrategista: você se instalou do lado dela ela não vai te procurar nunca, ela vai te procurar lá não sei onde. E eu fui morar num condomínio lá na Asa Norte em que o síndico era um tenente coronel do SNI e ele gostava de mim porque eu tinha um fusca e ele mandou pintar umas faixas verdes e amarelas no pátio, para botar os carros dentro, e tinha carro com a roda em cima da faixa, e o meu fusca eu pegava, sacudia ele assim e colocava ele direitinho, ele me achava um primor de ordem, até o dia em que ele descobriu que eu era do *Correio da Manhã* (risos). Aí eu tive que me mandar de madrugada. Mas o fusquinha me salvou muitas vezes, ele chegou a me chamar para me elogiar: "O senhor leva a sério as coisas, hein! Olha esse carro como está aqui em cima e tal".

**Qual era o seu disfarce em Brasília?**

Eu era negociante, eu era dono de uma editora, até que um inimigo publicou um artigo meu, que eu fazia para o *Correio Braziliense* com qualquer nome, botou meu nome e botou o nome em destaque e aí o coronel ia me pegar e eu fui salvo pelo porteiro: "Olha, o senhor cai fora que o coronel está sabendo que o senhor é do *Correio da Manhã*". Algum inimigo fez isso comigo, mas foi bom porque eu fui para São Paulo, trabalhei em São Paulo com uma grande figura que foi o Claudio Abramo, diretor de redação da *Folha*, e dentre muitas matérias que fiz, uma delas foi com os meninos de rua. O personagem é Pixote e o livro se chama *A Infância dos Mortos*, esse livro acabou virando um filme e deu uma confusão muita grande para a polícia lá de São Paulo, porque a polícia negava que tivesse qualquer envolvimento, como nega até hoje, ela não tem envolvimento com nada, eles nunca têm envolvimento com nada.

**Qual foi o acontecimento de Camanducaia?**

Eu morava perto do jornal, porque eu era tão jornalista que eu já morava perto do jornal. Você conhece bem São Paulo? Tem a Avenida Duque de Caxias e tem uma Alameda Barão de Limeira que corta, a Duque de Caxias sai em cima da Avenida São João e vai lá para o lado onde era a ferroviária, a Estação da Luz. E eu morava na esquina da Duque de Caxias com Alameda Barão de Limeira. Então, eu ia a pé para a redação e ficava lendo, dormiam os jornais todos ali, todos naqueles paus e tal, e aí um dia eu estou lá lendo e liga uma pessoa que diz: "Aqui é uma senhora, fulana de tal, eu sou leitora da Folha e é para dizer o seguinte: a polícia prendeu aqui uma porção de garotos, todos nus, espancados, arrebatados, não sei o que foi que aconteceu, mas é coisa muita grave. Eles dizem que ainda têm outros companheiros mortos e tal", "E quantos garotos?", "Uns 50, uns 50". Aí eu falei para o chefe de reportagem e ele nessa hora foi lá para a redação tratar da minha ida para Camanducaia. Você sabe que Camanducaia fica perto de São Paulo numa região montanhosa, mas esse perto são uns 200 e poucos quilômetros. Eu fui para lá e voltei e fiz uma pequena matéria que o Claudio Abramo guardou e disse: "Bom, a princípio nós vamos fazer o seguinte: nós vamos fazer uma página inteira ou duas páginas ou três com isso", aí eu voltei a Camanducaia, passei mais tempo, tive uma grande colaboradora lá, líder das prostitutas chamada Elisana Mendes. E os meninos chegaram nus, era um frio desgraçado e a comunidade católica, a polícia pediu ajuda para botar roupas nos garotos, e a comunidade católica de senhoras se reuniu e, claro, que fez orações e tal para conseguir roupas para os meninos e, enfim, quem conseguiu mesmo foram as prostitutas, elas desmancharam roupas, toalhas, costuraram nas máquinas delas e começaram a vestir os garotos. E entre eles tinha um chamado Dito, que eu botei o nome dele realmente no livro, e o outro que era o Pixote, o Pixote todo arrebatado e o Dito mau, perverso, indignado. E aí eu conversei muito com ele e ele me disse entre outras coisas uma que eu não vou me esquecer, eu disse: "Vem cá, se você me encontrasse na rua o que é que você faria?", "Acabaria com você. Todo mundo que eu não conheço é meu inimigo" e eu disse: "E aqui dentro, quais são seus inimigos?", "Todos, menos o Pixote". Dentro da prisão, todos ali eram inimigos dele, 'quem eu não conheço é meu inimigo', ele não conhecia ninguém, uma verdadeira fera o menino, verdadeira fera. Ele foi preso a primeira vez porque ele tinha roubado a caixinha do cego e vendia envelope, ele roubou a caixinha do cego e sentou mais adiante para ficar com o dinheiro que o cego já tinha coletado. Aí veio o policial para pegar a caixinha dele e ele tinha uma barba que se chama de guarda-chuva, uma tala de guarda-chuva, aquela coisa do metal e quando o cara se abaixou ele fez assim: 'tum', vazou o olho do rapaz, o cara foi morrer no hospital, atingiu o cérebro. Esse era o Dito, e que foi criado desde o 5 anos debaixo

de um caminhão, que botaram em cima de umas caixas para ser consertado um dia e nunca consertaram, ele ficou mais de cinco anos debaixo desse caminhão, os vizinhos davam comida, mas não chamaram ele para casa nada, davam lá debaixo do caminhão.

**Esses meninos foram levados lá para Camanducaia e muitos deles a polícia jogou de um precipício, não foi isso?**

Jogou de um precipício, jogou todos, jogou todos. Uma empresa de ônibus chamada Breda Turismo emprestou um ônibus, pegaram 100 meninos e botaram dentro do ônibus e foram para Camanducaia. Tinha cachorro dentro do ônibus para morder os meninos para na hora de sair eles saíram se arrebetando todos e assim foi. Quando chegaram na altura de 5 ou 6 quilômetros de Camanducaia, já muito alto geograficamente falando, de madrugada, chovendo, eles abriram a porta do ônibus e começaram a botar os cachorros nos meninos, dar porrada e os meninos saíram por aquela porta só e levando porrada e voando lá no despenhadeiro. Tanto é assim que nós encontramos esses 52, mas encontramos um monte de chinelinhos e pedaços de sapato e tênis que não eram dos que foram para a delegacia. Ficou por isso mesmo, a polícia não procurou mais e botou um ponto final na história, com a conivência do Juizado de Menores, que não defenderam os garotos. De maneira que essa história mudou a minha vida, porque eu fiquei tão revoltado com a baixeza, com o instituto criminoso que eu resolvi largar a *Folha* e ir para o Rio de Janeiro escrever esse livro. E aí comecei a fazer, eu tinha uma esposa que era grande colaboradora minha que era a Ednalva, me ajudou muito e eu fiz o livro e foi publicado sem nenhum interesse pela editora, sem nenhum interesse. Eu mesmo fui quem arranjei a capa e eles não se interessarem nem pela capa, só publicaram porque eu tinha publicado outros livros que haviam feito sucessos. De maneira que eu fiquei muito satisfeito quando o livro saiu e principalmente quando foi transformado em filme. E esse filme foi engraçado primeiro ele teve duas estrelinhas, depois deram mais uma estrelinha, depois deram mais uma estrelinha, aí quando o Clinton viu o filme pela segunda ou terceira vez, nem eu sei por que ele viu o filme tanto, aí o filme virou o negócio importante, mas o filme foi sempre importante desde o começo.

**E as matérias que você fez sobre esse acontecimento na *Folha de São Paulo*?**

Foram 30 linhas, publicaram 30 linhas na *Folha de São Paulo*, parecia um negocinho que não tinha nenhum sentido, nenhum sentido, mais não saiu nada. O *Jornal da Tarde* é que publicou algumas matérias amplas, mas que não circulou,

mas publicaram, não circulou. O *Jornal da Tarde* é do mesmo grupo que o jornal *O Estado de São Paulo*. Quando era censurada uma matéria n' *O Estado de São Paulo* eles publicavam uma receita de bolo no lugar. E aí um dia eu fui numa palestra e uma menina virou para mim e disse assim: "O senhor é jornalista e tal, o senhor conheceu algum colega d' *O Estado de São Paulo*?", "Conheci", "E, vem cá, eles eram malucos?", eu disse: "Não, por que?", "Porque de repente eu estou lendo lá" – ela estava fazendo uma pesquisa – "aí tem uma receita de bolo!". Eu disse: "Minha filha, não é nada disso. É que tinha uma censura...", aí eu fui contar a história, era um menina completamente desinformada. Ela vinha lendo e de repente "como fazer o bolo com não sei o quê com cevada".(risos) O jornal *O Estado de São Paulo* fazia isso, mas a garotada hoje não sabe de nada.

**Você citou uma figura muito importante na história da imprensa brasileira, que é o Cláudio Abramo. O que você pode nos dizer sobre ele?**

O Cláudio Abramo era um comunista vocacionado, um socialista autêntico, que acreditava que o jornalismo podia contribuir com modificações, o que eu também acredito. Não no imediato, mas a longo prazo, estamos aqui falando exatamente dessas coisas... Agora, com o advento da internet e toda essa parafernália eletrônica que está surgindo, a imprensa tradicional está com os dias contados, não tem condição, não tem como concorrer com a internet. Tudo que o jornal publica eu boto o dedo agora ali e vou saber tudo o que vai sair amanhã. Para que eu vou sujar meus dedos de jornal? Essa coisa foi uma iniciativa boba de botar na internet o que vai sair amanhã. É porque poucas pessoas tinham computadores, agora todo mundo tem computador e vão ter agora escolas que têm que ter computador distribuído para todo mundo. Quem vai ler? Eu vou ler no computador e depois vou ler no papel? Não vou não. Quer dizer, precisei fazer uma pesquisa sobre favela e pensei: quem pode me arrumar, arranjar, que eu não sou bom de computador, sou péssimo, uma pesquisa sobre favela no Rio de Janeiro? Aí alguém chegou e disse assim: "aqui ó, é fácil: internet". Fui lá, escrito assim de A a Z, tem quase 700 favelas no [estado do] Rio de Janeiro todo, na cidade deve ter umas 500 e poucas. Eu tenho uma caixa cheia de recortes. Você quer ver uma grande reportagem que eu faria, mas eu não tenho mais condição disso, eu todo dia compro o *Extra* e quando foi no mês de janeiro, fevereiro, março, abril, abril eu comecei a ver no *Extra* o seguinte: de maneira a tapar buraco, eles publicam a fotografia de um menino pobre desaparecido, no geral mulato ou negro. Sabe quantos eu já tenho? 350! Sabe quantos estão sendo procurados? Nenhum! Mas a menina lá em Londres sumiu e aí a Interpol e tal, tal, procura menina e tal, tal. Sumiu uma menina de classe média alta de São Paulo e procura a menina e esses 300 e poucos que eu

tenho aí ninguém está procurando. E o negócio dos órgãos? E comércio de órgãos será que não está acontecendo? Na Índia houve um escândalo há uns meses atrás, descobriram uma gangue enorme lá em Dubai tirando órgãos para vender principalmente para americanos. Essa gangue já estourou uma vez em Buenos Aires, será que não está aqui? Como é que tem tanta criança desaparecida? E o órgão chamado SOS Criança se limita a publicar fotinho e o jornal publica para tapar buraco, tem um buraquinho aqui publica uma criança dessa aí. É tudo mulatinho, tudo negro, é muito difícil ter um branco. Você vê o tamanho, a matéria que dá isso aí, dá uma matéria enorme, dá um livro também. Ninguém faz.

**Depois da *Folha de São Paulo*, na sua volta para o Rio de Janeiro, você foi para a *Última Hora*?**

Entrei na *Última Hora*. E eu estava na *Última Hora* quando fiz o Lúcio Flávio, em dois meses, foi um livro feito apressado, porque eu queria chegar no livro dos meninos, mas queria aperfeiçoar também a minha maneira de dizer. Você não pode publicar uma reportagem num livro como ela é, senão não interessa a ninguém. Tem que ter um molho, tem que ter uma coisa diferente, tem que ter umas subjetividades, tem que ter alguma coisa que fuja do dia-a-dia, da coisa objetiva jornalisticamente falando. Então, eu fiz o Lúcio. O Lúcio, o sonho dele – eu não disse isso e vou dizer – era ser pintor, padre ou político. Ele deixou mais de 50 quadros pintados. Adolfo Bloch comprou alguns. Ele tinha influência do Modigliani, pintor italiano. Depois, eu estava na *Última Hora* e aí surge a reabertura do caso Aracelli e aí nós fomos saber que a menina morta em 1973 ainda não havia tido sequer o inquérito para saber quem matou. Então, eu pedi para um colega, que aliás o livro é dedicado a ele também,, que é o Jorge Elias e mandei ele ir a Vitória ficar lá uns dias para saber onde que isso era verdade e onde que isso era mentira. Ele foi e disse o seguinte: “É tudo verdade”. Aí eu comecei a me interessar pelo tema, comecei ir a Vitória, ia de maneira camuflada para poder escapar, eram duas famílias envolvidas, duas famílias “donas” do estado do Espírito Santo, uma era os Helal e outra os Michelin e eu ia de um jeito e voltava de outro, ia de avião, voltava de ônibus, de ônibus comprava a passagem e não voltava, só voltava no dia seguinte, voltava de carro, carona e assim nós conseguimos fazer toda a história. Descobri, fiz amizade com um perito chamado Asdrúbal de Lima Cabral, que desde o começo ele dizia, apontava os criminosos e todo mundo negava e fomos ajudados também por um político, que já morreu, chamado Clério Falcão. Esse político era vereador na época do MDB. Havia dois partidos: MDB e Arena. Então, o Clério Falcão estava em campanha e dizendo também o que disse que ele queria se eleger deputado estadual e aproveitamos bastante o que ele conseguiu, foi ele que

conseguiu através do partido também, conseguiu a abertura do inquérito e já foi uma grande coisa. De maneira que a menina foi cruelmente morta durante um delírio da quadrilha do Helal, do Paulinho Helal, e do Dantinho Michelin que funcionava e se reunia num prédio chamado Apolo, ainda em construção. Agora, olha o detalhe: o prédio não era para ficar pronto, era para ficar sempre em construção, mas com alguns apartamentos funcionando como se fosse palácios de alta classe para receber os drogados, ou seja era um edifício a serviço dos grandes traficantes. Foi lá que a Aracelli foi morta a dentadas, enfim, foi uma morte horrível. E ela fardadinha, saiu da escola, foi levar um envelope que a mãe mandou para um cara chamado Jorge Michelin, que ela chamava de tio porque era meio namorado da mãe. Esse Jorge era tio do Dantinho e foi aí que a menina se acabou. Jogaram ela dentro de um freezer de um barco que o pai de um deles tinha, ficou lá dentro uma semana e depois que tiraram para jogar fora porque ela estava completamente preta, queimada de baixa temperatura, aí jogaram fora e esse corpo foi encontrado, não se fez nunca exame de DNA, mas nem precisava porque o pai reconheceu por um sinal que ela tinha no dedinho do pé esquerdo e a mãe dizia que não. Aí houve um problema do pai dizer que era a filha dele e a mãe que podia conhecer muito mais a filha até do ponto de vista genético, ela dizia que não. Mas nós descobrimos porque não. Porque ela estava envolvida nas drogas. Dona Lola, mãe da Aracelli, era traficante de drogas, ela tinha 12 irmãos chefões de drogas na Bolívia, em Santa Cruz de La Sierra. E ela estava no Brasil exatamente entrando em contato com a alta cúpula para poder fazer negócio e a Aracelli foi nisso.

### **Quando o inquérito foi reaberto, como a imprensa cobriu o caso?**

Lá em Vitória, justiça seja feita, a imprensa cobriu muito bem, os jornais de lá, não me lembro agora o nome, mas cobriram muito bem. Agora, aqui no Rio não, em São Paulo cobriu, o *Jornal da Tarde* deu grande cobertura ao caso Aracelli. Essa matéria que eu publiquei na *Última Hora*, mas sem nenhuma repercussão, até porque não tinha material fotográfico, não tinha nada. Porque lá para conseguir uma informação a respeito do problema era muito raro, ninguém queria falar. Eu consegui escapar porque eu me instalei num hotel chamado São José e o Lúcio Flávio tinha feito sucesso, no filme no cinema, e aí eu estou lá um dia ia até sair com a minha mulher de manhã, dia de sábado bonito, e aí o rapaz que estava cuidando da limpeza virou para mim, deixou a Ednalva sair, virou para mim: "O senhor é fulano de tal?", eu disse: "Sou", e ele disse: "Olha, então, eu vou lhe dizer uma coisa o senhor trate de sair desse hotel aqui que esse hotel aqui é do Dr. Helal". Então, era assim o Helal era dono das lojas, dos hotéis e das farmácias e o

Michelin dono do campo, café, não sei o quê, era tudo com ele. Dividiram, dividiram a cidade. E um belo dia quando eu fui lá havia dois navios no porto Helal, Helal 1 e Helal 2. O que eles carregavam? O que será? Para quê dois navios? Isso a gente nunca conseguiu saber, nem eu tive condição de pesquisar. Eu só sei que a família era poderosa, um irmão dele era diretor do Flamengo aqui no Rio, o Helal aqui do Rio era irmão lá daquele do Espírito Santo. E tive muito cuidado para não morrer, eles iam matar mesmo, não tem conversa não. Eu fui lá duas vezes de maneira audaciosa, fora da pesquisa já, eu fui processado lá por um coleguinha jornalista, então, eu tive que ir lá para me defender. Eu me sinto satisfeito de ter passado pela imprensa e a imprensa me ter aberto os olhos para ver esses fatos de maneira diferente, ao contrário de alguns coleguinhos que queriam entrar pelo sensacionalismo, eu não, eu procurei a razão dessa diferença: Por que uns comem e outros morrem de fome? Essa é a pergunta. Se somos bons, somos religiosos e somos não sei o quê e tal, tal, por que uns comem e outros morrem de fome? Essa pergunta continua aí. Qual é o nosso salário mínimo? Não chega a R\$500, junta três pessoas, uma mulher sem marido e dois filhos e manda ela viver com R\$500 e mais um pouco acima do salário mínimo. Só o barraco baratinho custa R\$150, baratinho e o resto ela vai viver como? Como ela vai viver? Comer o quê? Não dá, doutor, é inteiramente impossível você viver com R\$500. O mais pobre a família sempre é maior, é difícil numa favela a família não ter três ou quatro filhos, tudo subalimentado, tudo arrebetado. Mas de repente surge um Romário nessa história, que era do Jacarezinho, que ninguém sabe como acontece isso. Porque a teoria é o seguinte: subalimentado não tem condição de nada, eles têm e tem muita gente na favela que vira atleta, o que merece um estudo. Você subalimentado, leite nem pensar, remédios se pegar uma gripe tem que curar a gripe mesmo porque remédio não tem. Vá a um posto de saúde: eu vi uma senhora na televisão aqui a consulta dela, ela foi se sentindo mal com o filho e a consulta dela está marcada para o dia 29 de setembro, nós estamos no dia 8, vê quanto tempo e mais chegando lá ela vai entrar na fila. De maneira que essas aberrações é que geram violência e geram, ao mesmo tempo, as possibilidades de transformação. Eu acredito que com esse negócio da milícia agora o poder político vai parar para refletir e é provável que assim os infelizes tenham a possibilidade de ganhar uma melhor assistência do Estado.

**A gente citou aqui três dos seus livros, que se encaixam naquilo que chamamos de romance-reportagem: é o Lúcio Flávio, o caso da Araceli e o Pixote (A infância dos Mortos). Qual foi a sua grande influência nessa sua produção literária, que vem do jornalismo?**

É puramente do jornalismo. Se meu livro tivesse saído quando eu dei para o editor, eu tinha saído um pouco na frente do *A Sangue Frio*, do Truman Capote. O meu livro ficou três anos na mão de um editor da Arte Nova até que eu estava em São Paulo e vim para o Rio e coloquei na mão do Ênio Silveira, foi aí que o livro saiu. Eu sabia que iam reclamar muito da linguagem, eu recebi críticas de eruditos chateados com essa coisa vulgar de dizer. Eu tenho que dizer como eu acho que tem que dizer. Eu não quero demonstrar erudição ao escrever, eu quero demonstrar que o que eu estou fazendo tem possibilidade de ser lido, esse é que é o negócio. Se o erudito não quer me ler o problema é dele, mas outras pessoas vão ler. Então, é claro, eu comecei a descobrir, não fui nem eu que botei esse título, mas eu comecei a descobrir que era realmente Romance Reportagem e que a reportagem podia ser valorizada através desse toque romanesco. Por exemplo, se eu fosse fazer sobre a vida do Nelson Rodrigues, dá um romance reportagem muito bom, com essas maluquices dele. Fazendo jornal, quer dizer, é um tema muito bom, não é o que o jornal noticia, é quem faz o jornal, por exemplo, Amado Ribeiro, meu caro amigo Amado Ribeiro era uma barra pesada, aí seria matéria não sobre o que ele publicou, mas sobre o que ele faz, quem é ele nesse negócio, por que ele está no jornalismo. Sempre isso me preocupou, agora me preocupou também, me preocupa você definir verdadeiramente quem é o assassino, o que é um assassino, por que assassino. O jornalismo tem uma série de perguntas: por que, quando, como, onde. Os meus livros têm isso também. Eu tenho um livro que eu gosto muito chamado *O Estranho Hábito de Viver*, que foi escrito como resposta aos militares. Foi filmado de maneira idiota, com um título chamado *Amor bandido*, não tem nada a ver. *O Estranho Hábito de Viver* era realmente e continua sendo estranho você continuar vivo nesse país subnutrido, miserável, cheio de doenças e cheio de moças e rapazes tuberculosos, uma das doenças mais marcantes hoje no Rio de Janeiro é a tuberculose e o cara fica comendo o negócio do sanduíche do Mc Donald's e isso não significa nada.

### **Ao longo do tempo, o que mudou na reportagem policial?**

A mudança primeira é geográfica, hoje o repórter tem medo de subir o morro. Tem medo até porque já aconteceram poucas e boas com alguns que subiram para, digamos assim, para fraudar, para denunciar, para entregar os miseráveis à polícia, um deles foi meu querido amigo Tim Lopes. Ele foi lá, fotografou e tal, depois voltou para ter as meninas trepando na televisão, não sei o quê e tal, ora, eliminaram. Veja bem, sempre que você sobe ao morro você tem que saber qual é a sua, há um filme aí badalado, mas que está dramaticamente errado que é o

Cidade de Deus que o herói é o fotógrafo, mas ali (...) olha a leitura, a leitura aqui das pessoas é o seguinte: o herói é o cara que é cobrador do ônibus porque o rapaz que tira a fotografia ele é aliado da polícia, o que me dizem aqui: ele tira a fotografia, sai no jornal, a polícia pega, vai lá e prende o cara, então, ele não é herói, se ele fosse herói ele não tiraria foto. Ora, se você é herói, mas está fazendo algo contra a sua comunidade, qual é a sua? Aí vem o serrote e corte, porque eles não são burros não, eles são inteligentes. Então, eu acho o seguinte: eu sempre fiquei a favor, de verdade, deles até porque (...) Mas, você é a favor de bandidos? De certa maneira sou porque o governo, o regime é muito mais cruel com eles do que qualquer bandido possa imaginar. Vamos repetir o que eu já disse: Onde estão os que beberam dinheiro do Mensalão? Onde está o senhor Renan Calheiros? Onde está o Daniel Dantas? Ninguém vai preso, entra por uma porta, sai pela outra. Agora, a menina que roubou o tubo de coisa para botar no cabelo essa pegou um ano e meio de cadeia, (incompreensível), brigou com não sei quem e cegaram ela de um olho, está puxando um ano e meio de cadeira por causa de um tubo lá de não sei quê de R\$14. O Daniel Dantas está enrolado em bilhões, o Cacciola, então, nem se fala. Então, no meio disso quem é o bandido? Eu fui sempre muito chato com isso, eu procuro saber onde está a coisa que faz sentido para o bem ou para mal, para um lado ou para o outro. Então, meus livros se pautam dentro desse movimentar de agulhas de um relógio.

**Quais são as principais características de um bom repórter policial?** A primeira coisa é ter consciência do social, quer dizer, como ele vê o mundo. Se você é um cara de direita, você será um péssimo repórter de polícia, porque você vai fazer um tipo de reportagem que interessa ao dono do jornal. O dono do jornal está interessado em que o Boréu deixe de ser uma comunidade excluída como é? Não, ele está pouco ligando, ele quer é vender jornal, ele quer é fazer negócio, está vendendo jornal: ótimo! Você faz a matéria, arrisca a vida e tem que defender no jornal para sair publicado se não, não sai. Ou o cara dá um depoimento e diz coisas absurdas e diz: "Também não vai sair, né, doutor?", já sabe que não vai sair mesmo.

**Qual a sua opinião sobre um projeto como esse, que tem o objetivo de resgatar a história da imprensa brasileira?**

Eu acho que é uma coisa é incomum, porque isso aqui que eu estou dizendo eu não poderia dizer em lugar nenhum, duvido que alguma televisão aí num horário, não queria nem nobre, menos nobre, mas num horário que passe o filme nacional, 3h da madrugada, queria ouvir uma conversa dessas que eu estou dizendo. Eu não sei

até se vocês não terão problema porque eu sobrevivi, eu escapei de muitas armadilhas, inclusive de saúde também, mas não perdi a minha maneira ver o mundo e não perdi a minha maneira de me solidarizar, manter solidarizado com os perdedores. Eu tenho uma família aqui de negros com muito orgulho. Qual o problema? Não tem problema. No meu aniversário, que vai acontecer dia 19, eu vou lá para o morro que eles vão me fazer uma festa. Não sou candidato a nada, não quero ser, tenho horror de político. Agora a solidariedade ela lhe dá calor, lhe dá força de vida para você viver com mais alegria e se sentir até importante de certa maneira. Adoro criança, isso aqui fim de semana fica cheio de criança, então, eu acho que o elitismo não me contagiou de jeito nenhum. Eu podia estar no *Globo* escrevendo aqueles artigos ali naquela página dos grandes jornalistas... Então, eu acho que eu talvez sofra de uma deformação que é a tal verdade e isso é culpa da Bíblia, eu lia muito a Bíblia. O que é a verdade? Eu acho que nunca se definiu a verdade? O que é a verdade? Então, eu acho que o repórter de polícia deveria se preocupar com essas temáticas para ele poder realmente fundamentar o seu trabalho. O repórter de polícia não lê coisa nenhuma, como eu lhe disse havia uns até que não sabiam nem ler, eles eram ajudantes de repórter, contavam a história e a gente escrevia e tal. De outra parte, os escritores, coleguinhas meus, nunca fizeram esses livros, é fácil fazer está em tudo quanto é jornal todo dia, ninguém faz. Ninguém faz, por quê? Por que não quer se meter nisso ou como é a história? Então, eu não tenho vergonha do que eu escrevi não, eu tenho muito orgulho e tenho muita simpatia pelos meus personagens sejam eles quais foram. Qualquer um deles é melhor do que o que nós temos no Congresso. Eu acho que existe um filme que é bom sempre ser visto chamado Robin Wood, que é uma lenda, é o cara que roubava para dar para os outros. O Cara de Cavalo era isso, ele roubava para dar balas para as crianças, dar doce, comprava um monte de coisas. Nesse tempo no Rio de Janeiro tinha um restaurante chamado Restaurante Chinês, o chinês de não sei o quê da Praça da Bandeira, tinha o chinês da Lapa, então, ele chegava tinham quantos caras estavam comendo, ele ia lá no caixa, comia e pagava de todo mundo. Espera-se que depois os caras recebam o dinheiro não cobrassem de novo o dinheiro porque aí o bandido ia ficar revoltado. De maneira que esse compromisso com a verdade faz lembrar aquela história do Diógenes, o grande filósofo que, aliás, pelo qual eu tenho muita admiração, que de dia andava com uma lanterna acesa para ver se ele enxergava melhor o que a luz do sol estava mostrando, eu sou dessa teoria. Às vezes eu leio cada coisa no jornal, agora vê que absurdo, que absurdo! Em São Paulo teve um colega nosso de redação chamado Pimenta que matou a coleguinha, namorada, pelas costas. Este cara sabe onde é que está puxando cadeia? Em casa, numa ilha... Não é legal? Aí isso me revolta, aí

eu escrevo, não posso dar tiro, escrevo. Até porque eu acho que não adianta dar tiro, quando você dá tiro você faz o outro lado perder a capacidade de lhe aturar, eu acho que matar é uma coisa boba, tem que deixar o cara te aturar.